



Abstract

Anti-inteligência e os complexos humanos

Este é o resumo dos resultados da investigação desenvolvida, com a condução de Peter Belohlavek, sobre o funcionamento da inteligência no comportamento disfuncional do homem.

Inteligência vs. Anti-inteligência

Define-se à inteligência humana, de um ponto de vista conceitual, como a capacidade de produzir a informação que tem o indivíduo para desenvolver estratégias para adaptar-se ao meio.

A anti-inteligência é a inteligência funcional à destruição. Tem por finalidade destruir a capacidade de adaptação ao meio de um indivíduo ou provocar a destruição de algo ou alguém e manter sua própria marginalização como ser superior no meio em que atua.

Quando uma pessoa opera em sua anti-inteligência e tem um alto coeficiente intelectual a anti-inteligência se potencializa ao máximo. O propósito subjacente (não consciente) da anti-inteligência é destruir o que ameaça, seja real ou falacioso, e/ou alimentar os complexos.

Por esta razão nessa pessoa não existem frustrações a elaborar (não há necessidade de adaptar-se ao meio) e a inteligência emocional não se vê nunca ameaçada. Por isso a criatividade para a destruição supera à criatividade para a construção. A anti-inteligência é antimoral.

Um indivíduo que opera na anti-inteligência com um determinado coeficiente intelectual é “muito mais inteligente” do que um indivíduo que opera na inteligência com o mesmo coeficiente.

O anticonceito é uma estrutura que tem por finalidade destruir um conceito. Para isso utiliza o manejo por automatismos compulsivos que têm por última finalidade fazer com que o indivíduo “sobreviva” à custa do meio.

A compulsão para mentir, para agredir, para rejeitar responsabilidades, a inveja, a avareza e a soberba não são mais que alguns exemplos de automatismos compulsivos.

Os anticonceitos funcionam porque não são reconhecidos como tais, senão que se considera que são o complemento natural ao propósito de um conceito.

Os anticonceitos na verdade funcionam como os vírus. São admitidos no conceito porque são reconhecidos como se fossem parte dele.

Quando entram em contato com o conceito este desaparece.



Por exemplo:

- 1) A justificação é o anticonceito da fundamentação.
- 2) Afirmar é o anticonceito de compartilhar.
- 3) Dominar é o anticonceito de liderar.
- 4) Doutrinar é o anticonceito de aprender.

É comum encontrar pessoas que creiam que a justificação é um fundamento. No uso de justificações a objetividade desaparece e aparece uma “realidade paralela” que dá a sensação de ser objetiva, quando na verdade é uma construção totalmente subjetiva.

Quem constrói uma justificação precisa ter a outros com quem compartilhá-la, para “sentir” que é real. Assim se constroem os mitos falaciosos das culturas.

O benefício deste funcionamento é o de satisfazer as necessidades dos complexos do inconsciente individual ou coletivo.

Os complexos

Os complexos são estruturas rígidas, funcionais, que adota a inteligência para construir uma realidade paralela na qual o indivíduo tem uma sensação de prazer e domínio que o leva a permanecer na mesma.

O complexo é homólogo a um “câncer”. Cresce à custa do corpo até matá-lo, com o paradoxo de que morre com ele.

O complexo faz com que o indivíduo ou a cultura atue no meio em forma tal que a realidade externa se transforme na realidade interna que se expõe.

Desta forma o indivíduo ou a cultura perde paulatinamente sua capacidade de adaptação ao meio confirmando a “realidade paralela” construída pelo complexo até ficar totalmente marginalizado do meio, com o qual morre em termos sociais.

Os complexos se alimentam de falácias e utopias falaciosas que o homem constrói para evitar assumir responsabilidades com o meio e satisfazer suas próprias crenças ou necessidades.

O benefício dos complexos

Constroem um mundo onde geram sua própria transcendência, crêem ser livres e não há exigências. É uma situação de domínio e prazer tão confortável que o indivíduo não quer abandoná-la.

É como o útero materno, mas é um “câncer”.



O antídoto - A consciência e a ação

O único antídoto que há para ações compulsivas é o planejamento de ações de valor agregado social e o controle dos resultados destas ações.

Este processo só pode fazer-se se o indivíduo tiver a inteligência ética necessária. Gera um feedback funcional positivo que faz com que o complexo remeta.

Se o complexo está instalado em um grupo ou cultura, a possibilidade de remetê-lo tem como custo a marginalização do indivíduo. Paradoxalmente, a cura passa por um efeito similar ao da doença.

Os complexos, socialmente compartilhados, atuam como tais, degradando a cultura, porém são percebidos como características da mesma. Desta forma podem permanecer no meio e expandir-se.

Os complexos se instalam em contextos de incerteza, desesperança, impotência e atopia. Denominamos atopia à incapacidade de um indivíduo, grupo ou cultura, para encontrar um lugar funcional no mundo.

Todo processo de ruptura do círculo vicioso começa por estar em paz com o lugar que se tem no mundo. Isto requer dar um sentido à vida, o que implica encontrar um caminho onde o indivíduo possa transcender, assumir responsabilidades com o meio e exercer a liberdade interior.

The Unicist Research Institute